

Firma
INVITADA
de verão



Merayo

O CAMINHO DE SANTIAGO, FONTE DE INSPIRAÇÃO ARTÍSTICA NAS OBRAS PICTÓRICAS DE ÁNGELA MERAYO E ADOLFO ÁLVAREZ BARTHE

Rosa Maria Olmos Criado

É formada em Geografia e História e doutora em História da Arte. Crítica de arte (AECA/AICA) e curadora em exposições. Exerceu docência e pesquisa em trabalhos para a Direção Geral de Belas Artes. Publicou textos em catálogos e artigos especializados no contexto da História da Arte e da Etnografia. Atualmente colabora com a Fundação Merayo na programação e realização de exposições e atividades culturais.

Por volta do ano 820, são descobertos no extremo ocidental da Península Ibérica, escondidos entre o mato e sinalizados por luzes misteriosas, um grupo de túmulos, entre os quais se destaca um que foi imediatamente identificado como o túmulo do apóstolo Santiago. Este fato, que foi tratado de milagroso, desencadeou as peregrinações para honrar a relíquia do santo, e os caminhos e antigas calçadas romanas se encheram de caminhantes que dirigiam seus passos e sua vida para Compostela. Entre os caminhos possíveis, impôs-se a rota que percorria o norte da península até se abrir à França, e com ela, a toda a Europa: o chamado Caminho Francês.

Em torno dele foi gerado um enorme movimento populacional com importantes consequências, pois foi um canal para a penetração e intercâmbio cultural e artístico entre a Espanha cristã e o mundo ocidental. Por ele circularam pessoas de todas as condições sociais, portadoras de novidades materiais, ideológicas e do conhecimento, que contribuíram para a criação da identidade europeia comum. Sua importância transcendental foi certificada por Goethe, no século XIX, definindo-o como criador, articulador da Europa.

Também a arte encontrou, por este meio, difusão e enraizamento, desde que na Idade Média se consolidaram os modos construtivos e estéticos que deu origem à arte românica. A Relação Caminho/arte variou em suas manifestações de acordo com as épocas, embora sempre os criadores foram sensíveis ao inegável poder de sugestão que emana tanto das paisagens que percorrem o caminho, como da mística do esforço e da superação que o inspira.

Em Leão contemporâneo também acusou sua influência, e sua marca apareceu em artistas Leoneses como Ángela Merayo e Adolfo Álvarez Barthe, que na época apresentaram Exposições realizadas sob a inspiração do Caminho. Esta âncora me dá um lugar para Aproximar-me, em uma rápida análise, destes dois eventos artísticos, tão diferentes plástica e esteticamente, apesar de seu ponto de partida comum.

Angela Merayo apresentou a exposição XACOBEO' 93 - Paisagens ao lado da estrada, em 1993. Se trata-se de uma série pictórica que teve como referências figurativas dominantes ao peregrino e ao Paisagem leonesa, especificamente o berciano, pois Angela finca bem seus pés em uma terra para ela é tão conhecida, como são os ambientes e contextos que percorrem os caminhos jacobinos para seu passo pelo Bierzo, que é um de seus lugares na terra. Com a paisagem como ideia principal representacional aprofunda a essência do Caminho de Santiago, em sua realidade física e sua realidade mítica, para se conectar com sua biografia pessoal através da emoção e da memória.

Ángela recorre à natureza e faz dela uma interpretação pessoal que se substancia em campos cromáticos, de certa forma intelectualizados, pois respondem a uma elaboração mais conceitual do que naturalista. Suas obras investigam a dimensão espiritual da paisagem, em composições nas quais amplos segmentos de cor são apresentados contidos e firmes, equilibrados em combinações sábias e harmônicas de cor e forma. Assim, os terrestres ocres e os amarelos vibrantes são calorosos e apaixonados ao lado de líricos e emocionais rosas e verdes, com os azuis, a realidade se transforma em devaneios de mares e até de tempos pretéritos. Não pinta realidades, mas atmosferas sobre as quais projeta elementos arquetípicos do caminho: Igrejas, arcos, óculos ... mas, acima de tudo, se interessa pela presença do homem, o caminhante, a quem alude por meio de sinais/símbolos referenciados por elementos formais, como o cajado, a vieira ou o que é mais eloquente, sua sombra percorrendo aqueles campos cromáticos, uma transcrição dos campos reais que levam a Compostela, visão que, sem dúvida, ela mantém em sua retina desde criança.

O caminho que Angela apresenta é um caminho de sobrevivência, de tradição em que as emoções são tecidas com sua sensibilidade e sua sabedoria de pintora com linguagem contemporânea. Em contraste, Adolfo Álvarez Barthe olha para o firmamento, onde a Via Láctea assinala com o seu rastro esbranquiçado o caminho para Compostela e o Fines Terre. Imagine-pinte-as constelações que compõem o Zodíaco, mergulhando neste mundo misterioso com uma proposta ousada e tanto mais arriscada quanto se entrelaça com dois territórios místicos opostos: o cristão e o esotérico. O resultado é o Zodíaco Peregrino, uma série de treze tondos, doze deles dedicados cada um a um signo do zodíaco. A escolha do tondo (formato circular) já o posiciona no âmbito do simbólico, pois o círculo é a forma geométrica perfeita, que significa unidade, perfeição, infinito e harmonia.

Sua essência se relaciona com a eternidade e a proteção de tudo o que está dentro dele. Nesses interiores, iconografias imaginativas são desdobradas em torno do elemento definidor de cada signo do zodíaco. Nenhuma imagem é gratuita. Recorre constantemente aos símbolos e às alegorias com uma linguagem que tem sua origem na capacidade do pintor de conectar mundos, imagens, espaços e ideias. Assim, história, mitologia, filosofia, poesia oriental, literatura, bestiários, religiões ... se misturam em uma fusão que é pura criação plástica e poética, embora para o pintor talvez suponha uma reflexão que nos escape aos outros. Positivamente nos remetem a cenografias com um fundo teatral tão enigmático e árduo que exige do espectador um olhar detalhado e um tempo para assimilar seu conteúdo.

Adolfo desenvolve seu Zodíaco dentro da figuração clássica, com uma pureza formal impecável a bordada com a técnica meticulosa e difícil da pintura à tempera, que suporta um desenho refinado e requintado e um cromatismo resolvido em uma paleta de tons frios em que velas e transparências definem planos e trazem profundidade ao espaço plástico, além de um caráter irreal. Uma atmosfera poética, cultista e esotérica, mas, acima de tudo, simbólica.

